

ARTIGO

A FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORES: PERCEPÇÕES DE UM GRUPO DE BOLSISTAS DO PIBID

THE INITIAL TRAINING OF LITERACY EDUCATORS: PERCEPTIONS OF A GROUP OF PIBID SCHOLARS

GLEICE ALINE MIRANDA DA PAIXÃO

Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), DF, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-0738-1841>

RESUMO: Este texto é resultado de uma pesquisa realizada no contexto do Curso de Especialização em Alfabetização - EAD da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Na pesquisa, investigamos a formação inicial do professor alfabetizador por meio da articulação das aprendizagens provenientes das disciplinas do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB) com as vivências escolares proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Tendo por base a metodologia qualitativa por meio de estudo de caso, aplicamos questionário às bolsistas. Isto posto, foi realizada uma análise documental do currículo do curso de Pedagogia da UnB. As conclusões apontam para a percepção das pibidianas sobre a importância de se observar e experimentar práticas de alfabetização desde a formação inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Formação Inicial de Professores; Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência; Curso de Pedagogia.

ABSTRACT: This text is the result of research conducted in the context of the Specialization Course in Literacy - Distance Education at the Universidade Federal do Rio Grande (FURG). The research investigated the initial training of literacy educators by articulating the learnings from the Pedagogy courses at the University of Brasília (UnB) with the school experiences provided by the Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships (PIBID). Based on qualitative methodology through case study, a questionnaire was administered to the scholarship recipients, and a documentary analysis of the Pedagogy curriculum at UnB was conducted. The conclusions indicate the scholarship recipients' perception of the importance of observing and experiencing literacy practices from the initial training.

KEYWORDS: Literacy; Initial Teacher Training; Institutional Program for Teaching Initiation Scholarships; Pedagogy Course.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, como tema de pesquisa, é um campo vasto e complexo. Por sua vastidão e complexidade, há sempre lacunas a serem percorridas a fim de serem completadas. Por isso, a intenção deste trabalho foi focar a formação inicial do alfabetizador realizada no contexto do curso de Pedagogia, uma vez que, historicamente no Brasil, é nesta graduação que se realiza a formação inicial da maioria dos alfabetizadores.

Nesse sentido, entendemos ser pertinente conhecer como atualmente a formação do professor alfabetizador tem sido contemplada na graduação uma vez que, recentemente, tivemos a publicação da pesquisa intitulada *Alfabetiza Brasil* (Brasil, 2023) que trouxe uma realidade de que 56,4% das crianças brasileiras ao final do 2º ano do ensino fundamental não estariam alfabetizadas no país.

É mister destacar, entretanto, que o fracasso na alfabetização não depende somente da formação dos professores, pois existem outros problemas de cunho social, econômico, bem como de infraestrutura das escolas e de condições de trabalho dos professores, que implicam na perpetuação dessa situação. Contudo, para efeitos de pesquisa, frisa-se neste trabalho, especificamente, uma parte importante de uma cadeia de elementos que devem convergir para elevar o nível de alfabetização de uma população: a formação de professores alfabetizadores.

Entendemos que é necessário, além de políticas públicas para a formação continuada, uma atenção especial à formação inicial. É neste viés de estudo que realizamos a pesquisa, isto é, buscamos compreender qual a percepção das bolsistas PIBIDIANAS em relação a sua formação no curso de Pedagogia no tocante à alfabetização, tendo em vista que um dos enfoques do subprojeto Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Universidade de Brasília (UnB) é justamente a Alfabetização.

Neste contexto, participaram da pesquisa bolsistas do Programa de Iniciação à Docência de Alfabetização-PIBID do subprojeto Pedagogia-UnB. Neste sentido, investigamos a formação inicial oferecida em nível de graduação sobre essa temática, bem como a contribuição do Programa para a formação de alfabetizadoras. Houve duas questões principais que foram abordadas, tais como: (1) como a formação inicial de pedagogos para a área da alfabetização está sendo conduzida na graduação por meio das disciplinas ofertadas? (2) como o programa de iniciação à docência tem contribuído para tal formação em Alfabetização?

Dessas duas questões decorreram as três questões de ordem específicas: (1) quais disciplinas do curso de licenciatura em Pedagogia oferecem às graduandas subsídios para a prática docente em classes de alfabetização? (2) quais as relações percebidas entre as disciplinas teóricas e a iniciação à docência em classes de alfabetização? (3) a experiência em classes de alfabetização por meio do PIBID é considerada complementar, suplementar ou paralela ao que é visto na graduação?

Desta feita, este texto segue organizado com uma seção que trata das discussões em torno da Alfabetização e apresenta o PIBID, configurando-se o referencial teórico que embasa a tessitura do trabalho. Por conseguinte, seguimos para a seção da organização metodológica da pesquisa. Na sequência, realizamos a análise dos dados, apresentando os resultados da pesquisa. Por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho realizado.

ALFABETIZAÇÃO: APONTAMENTOS GERAIS

A Alfabetização é uma questão relevante nas discussões sobre a elaboração de políticas educacionais no Brasil e na esfera acadêmica. Não é à toa que diversos programas de formação continuada foram empreendidos no país na tentativa de erradicar o analfabetismo ou, ao menos, minimizá-lo. A título de ilustração, no século XXI, temos iniciativas governamentais com o enfoque na formação de alfabetizadores como o PROFA – Programa Nacional de Formação de Alfabetizadores (2001), Pró-letramento (2005), PNAIC – Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (2012); PNA – Programa Nacional de Alfabetização (2019–2020) e, atualmente, o Programa Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

Diante de tantas políticas implementadas, por que ainda há lacunas para sanar a questão da alfabetização no país? Magda Soares (2020a) escreveu sobre esse problema e foi até laureada com um Prêmio Jabuti com seu livro *Alfabetização: a questão dos métodos* (Soares, 2020a). Nesta obra, Soares (2020a) atenta para a necessidade de se discutir a alfabetização para além da discussão sobre os métodos de alfabetização. Utilizando fundamentos teóricos da área da linguística, da pedagogia e sociocultural mostra que a alfabetização é multifacetada e a questão dos métodos é apenas uma das questões que envolvem a aprendizagem da escrita.

Depois de sinalizar os métodos sintéticos e analíticos, passando pela ascensão do construtivismo e suas aplicações, muitas vezes, equivocadas quando se tratava de alfabetizar, Soares (2020a) defendeu que um *método* de alfabetização deve ser, na verdade, um conjunto de procedimentos, todos fundamentados em princípios e teorias, que orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Essa aprendizagem inicial configura-se em uma faceta ou camada do processo de alfabetização (Soares, 2020a; 2020b). O processo é multifacetado e a apropriação da tecnologia da escrita (Soares, 2020b) é apenas uma camada do processo maior que se articula com o letramento e envolve práticas sociais de escrita e leitura.

Alfabetizar, então, requer ter domínio teórico e prático. Domínio de procedimentos de ensino, o que demanda estudo, pesquisa e aplicação prática. “A escola precisa ensinar” assevera Cagliari (2021, p. 85). Contudo, não é uma tarefa fácil ensinar, porque pressupõe entender como se aprende. Segundo Cagliari (2021), poucas vezes, é tratado a fundo nos cursos de formação de professores, passando a ser apenas uma máxima clichê que se coadunou em um termo chamado de *processo de ensino-aprendizagem*. Juntando, assim, os dois processos, parece que nenhum deles tem especificidades. Parece que se prescinde do entendimento de que aprender é um dos processos mais complexos que leva ao desenvolvimento (Vygotski, [1934] 2014). O ensino precisa entender de aprendizagem, isso é fato.

Então, o que compete especificamente ao professor? Compete descobrir, por meio de estudos coadunados com a prática, quais recursos e métodos didáticos são adequados para a aprendizagem, cabendo, portanto, intervir nas necessidades dos estudantes a fim de criar aulas que estimulem a aprendizagem. É necessário “[...] procurar descobrir a ‘lógica’ do aluno” (Cagliari, 2021, p. 93 – grifo do autor) antes de mais nada.

Quando se trata de alfabetização, é necessário pôr-se no lugar do outro, do aprendiz. Em outras palavras, é importante entender como a pessoa está pensando e refletindo sobre a língua. Neste sentido, observar as dúvidas, perguntas e reflexões que a criança realiza em sala de aula a respeito da escrita e da leitura, são indícios de como a criança está refletindo sobre o Sistema de Escrita Alfabética – SEA (Zasso, 2008).

É importante investigar o nível de conhecimento que os estudantes já dispõem, antes de se iniciar qualquer proposta de ensino. Na alfabetização é imprescindível uma diagnose inicial, ou seja, saber o nível de apropriação do SEA para planejar as intervenções didático-pedagógicas. O trabalho de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (Ferreiro; Teberosky, 1999) foi um *divisor de águas* nos pressupostos teóricos sobre a alfabetização porque trouxe para o cerne do debate os processos psicológicos implicados na alfabetização. Como as crianças articulam o pensamento no processo de apropriação da língua escrita ganhou relevância. Ferreiro e Teberosky (1999) empreenderam uma pesquisa que resultou numa teoria denominada de Psicogênese da Escrita. Com esta pesquisa, confirmaram que há níveis de aprendizagem da língua que precisam ser observados. Esses conhecimentos balizaram uma nova proposta de ensino do sistema de escrita alfabética.

É importante que o próprio professor tenha o entendimento quanto ao fato de que o SEA, utilizado na língua portuguesa, é uma convenção, isto é, que ele saiba que o SEA não é um código (Moraes, 2012, 2020; Soares, 2020b). Além disso, ao ensinar, “o professor precisa explicar que a nossa escrita não é uma transcrição fonética e que as palavras têm uma sequência de letras predeterminada, congelada, que é preciso saber” (Cagliari, 2021, p. 86).

Apoiado no estudo de Cagliari (2021), é importante destacar que o processo de alfabetizar vai além da “[...] relação entre letras e sons [...] porque a escrita não é alfabética (transcrição fonética), mas ortográfica. As palavras devem ser escritas com as letras estabelecidas pela ortografia” (Cagliari, 2021, p. 88). Por exemplo, se convencionou que certo som se escreveria com S, ou com Ç, ou com C, ou com dois SS, de acordo com a posição da sílaba na palavra até chegar na vogal que lhe sucede, mesmo que o fonema seja o mesmo /s/ (Cristófar-Silva, 2019; Haupt, 2012; Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão, 2019). Trata-se de convenções ortográficas e, muitas vezes, é necessário recorrer a dicionários.

Anteriormente à questão do uso do alfabeto para grafar palavras e seus significados, Cagliari (1996), com a metáfora do estudante como alienígena no planeta da escrita, apresenta a dúvida do estudante quanto à diferença entre imagem e escrita. O alienígena-estudante desconcerta o professor ao indagar por que a imagem não é a própria escrita, por que não é ela mesma a palavra. A questão é importante, pois, apesar de as palavras portarem um significado e se configurarem em uma sequência de som (Cagliari, 2021), o que escrevemos é o significante e não o significado (Soares, 2020a). Assim, a representação por imagem não é a palavra. Nas sociedades que usam ideogramas temos uma representação pictórica diferentemente da representação na língua portuguesa que utiliza letras do alfabeto.

Na fase inicial da alfabetização, devemos diferenciar e mostrar com o que se grafa, com o que se escreve. Ferreiro e Teberosky (1999) trazem a concepção piagetiana de realismo nominal para os estudos sobre alfabetização. Realismo nominal na escrita seria a tendência de se escrever palavras grandes para se representar elementos grandes e palavras pequenas para objetos ou seres pequenos. Por exemplo, a palavra *formiga* se escreveria com menos letras que *vaca*. Descolar a imagem do objeto (animal ou o que quer que seja) da representação escrita é importante, já que esta é uma representação arbitrária e não analógica (Ferreiro; Teberosky, 1999).

É imperioso nunca esquecer que a escrita é posterior à oralidade. A escrita aconteceu bem depois. Recordar a história de Homero que, se foi um homem só e se nasceu no período em que se diz que nasceu, talvez, não fizesse uso da escrita, mas apenas da oralidade (Knox, 2011). Todo ser humano fala antes de escrever, caso não tenha qualquer dificuldade comunicativa oral. A

língua materna é adquirida quando se refere à fala (Chomsky, 2002), mas é ensinada quando se trata de escrita e convenções ortográficas.

Ações específicas como escrever da esquerda para a direita são importantíssimas, assim como, a explicação de que a escrita é a representação da pauta sonora, convencionada por uma ortografia, como já dito. Nesse sentido, Moraes (2012) apresenta 10 propriedades do SEA que precisam ser apresentadas ao estudante para que ele compreenda o que é escrever, o que é ler e, assim, se alfabetize.

Essas 10 propriedades, que vão desde o direcionamento da escrita até o entendimento de que há letras que não podem ocupar certas posições na palavra, parecem ser o que Cagliari (2021) apresenta como resposta à professora que uma vez lhe questionou sobre os motivos de seus estudantes não se alfabetizarem. Somado a isso, Cagliari (2021) destaca que se deve levar em consideração os dialetos dos estudantes. A interferência de como se pronuncia certa palavra, como se articulam os fonemas, são importantes quando se pensa sobre o que se escreve, no que se lê.

É, portanto, importante destacar que alfabetizar é lidar com letras, sons, junções, separações, suposições e constatações (Cagliari, 1996). A alfabetização não se encerra nas classes chamadas de alfabetização ou nos ciclos e blocos de alfabetização – os quais muitas vezes têm um *inicial* embutido: Ciclo Inicial de alfabetização, Bloco Inicial de alfabetização. Como bem destacado por Haupt (2012), às classes/séries posteriores do ensino fundamental precisam se atentar para a necessidade de um ensino sistemático da ortografia atrelado ao conhecimento fonológico, não se esquecendo de um trabalho com as práticas de letramento.

A complexidade da alfabetização e da prática alfabetizadora requer dominar habilidades e conhecimentos específicos do sistema de escrita alfabética, bem como, as hipóteses que a maioria das crianças elaboram ao se envolver com a escrita. Estes conhecimentos precisam ser articulados numa imersão teórica e prática na formação inicial do docente. Além disso, uma visão da escrita como discursividade, sempre situada em práticas sociais contextualizadas.

Por esta razão, faz-se necessário não só estágios supervisionados pontuais, mas os programas de iniciação à docência e residência pedagógica que inserem os graduandos na realidade da sala de aula, no início do processo formativo do professor. Neste momento, concluída a discussão desta seção, passamos a tratar das experiências do PIBID na formação dos alfabetizadores.

O PIBID E A FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES

Consideramos importante trazer os propósitos do PIBID enquanto Programa Nacional de incentivo à docência e os objetivos do Subprojeto de Pedagogia da UNB já que serão estudadas as contribuições desta experiência para a formação de alfabetizadores articulados com as disciplinas desta temática da referida graduação.

O PIBID é o programa institucional de bolsas de iniciação à docência que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) cujo objetivo é fomentar a iniciação à docência, “contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (Brasil, 2022, on-line). Por meio do PIBID e do Programa de Residência Pedagógica, a Coordenação de

Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) coloca em curso os Programas que articulam Instituições de Nível Superior com as Secretarias de Educação, aproximando professores da educação básica com estudantes de licenciatura, no intuito de melhorar a formação de professores.

Na Universidade de Brasília – UNB foi implementado o subprojeto de Pedagogia vinculado ao PIBID que tem como objetivo geral:

[...] endossar a característica da formação dos licenciados para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental que tem como marca a polivalência: a atuação pedagogo no ensino de diferentes áreas curriculares e campos de experiências, da/na educação básica e que requer um olhar interdisciplinar, bem como a transversalidade dos processos de alfabetização, alinhados à **Política Nacional de Alfabetização** (UNB-DEG, 2020, nosso grifo).

Interessante destacar que o próprio nome do Programa leva o termo iniciação, destacando a formação inicial no decorrer dos primeiros semestres de graduação. Somado ao nome do programa, há as especificidades do subprojeto cuja organização e planejamento destacam a temática transversal da alfabetização, quando se trata de formação do pedagogo em cursos de licenciatura.

Cabe mencionarmos que estamos nos referenciando ao curso de formação de professores em licenciatura na área da Pedagogia. Como destaca Libâneo (2006), a Pedagogia não se resume à formação de professores, pois a docência é apenas uma das modalidades do trabalho pedagógico. Todavia é no curso de Pedagogia que se localiza a pesquisa quando falamos de formação de docentes para a alfabetização, uma vez que é o curso de licenciatura em Pedagogia que tem como uma de suas incumbências a formação de profissionais para atuação na docência de anos iniciais do ensino fundamental, tanto na modalidade regular quanto na Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme normatização (Brasil, 2006).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia focam no exercício docente, mesmo que estabeleçam outras competências do licenciado em Pedagogia ao utilizar o termo *funções do magistério* e ampliar a atuação do pedagogo para espaços não escolares (Brasil, 2006, art. 4º, on-line). Por isso, é uma resolução bastante criticada por pulverizar a formação do pedagogo entre diversos aspectos como na educação infantil, anos iniciais, gestão, coordenação, espaços escolares e não escolares (Pimenta, 2022; Vicenci, Vieira, 2023). Não nos cabe neste espaço enunciativo analisar as críticas e tampouco as diretrizes da Pedagogia, já que não é foco deste trabalho. A intenção é verificar as disciplinas que abordam a alfabetização no currículo da Pedagogia da UNB e as contribuições do PIBID na formação do alfabetizador.

Soma-se às diretrizes da pedagogia, as Diretrizes Nacionais para a Formação inicial de Professores, publicada em dezembro de 2019, que apontam para a necessidade de que haja uma sólida formação básica, “[...] com conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho”; e a associação entre as teorias e as práticas pedagógicas (Brasil, 2019, art. 5º, inc. I e II). Para efeitos deste trabalho, alocamos o PIBID dentro dessa perspectiva.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A perspectiva metodológica empreendida nesta pesquisa tem como base a abordagem qualitativa, utilizando-se da técnica de estudo de caso. Para tanto, de início, foi realizada a análise documental do currículo do curso de Pedagogia em vigor na Universidade de Brasília-UnB. A análise do documento foi balizada pela Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016). Após a análise do currículo, foi utilizado como instrumento de produção de dados um questionário com 15 perguntas entre abertas e fechadas que se encontra anexado a este texto (ver Anexo A). Esta pesquisa prescindiu do comitê de ética, pois seguiu os trâmites da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016) seguindo critérios de confidencialidade e respeito à identidade dos participantes.

As participantes do questionário configuram-se por serem um grupo de 11 bolsistas do PIBID, sendo referenciadas pela ordem de resposta como Participante 1 até Participante 11, cuja escola-campo é uma unidade escolar da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal que atende os anos iniciais do ensino fundamental na região administrativa de Taguatinga, no DF. As bolsistas são todas do gênero feminino e estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matriculadas entre o 3º e o 5º semestre do curso supracitado. A partir de junho de 2023, as participantes da pesquisa realizaram observação-participante em turmas de 1º e 2º ano do ensino fundamental, condição que se mantinha na época de produção de dados.

O objetivo geral da pesquisa foi examinar qual a percepção das bolsistas pibidianas em relação a sua formação no curso de Pedagogia no tocante à alfabetização, com atenção às experiências com o PIBID. Para tanto utilizamos como suporte dois questionamentos: (1) quais disciplinas do curso de licenciatura em Pedagogia oferecem aos estudantes subsídios para a prática docente em classes de alfabetização? (2) quais as articulações percebidas entre as disciplinas teóricas e a iniciação à docência em classes de alfabetização? Com estes questionamentos, buscamos contribuir para a literatura e as políticas públicas na área de formação do alfabetizador, dado que a Alfabetização no Brasil urge especial atenção, tal como vêm apontando as últimas pesquisas censitárias nacionais.

O CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB E AS DISCIPLINAS VINCULADAS À FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

O currículo atual do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília-UnB apresenta como componente curricular duas disciplinas obrigatórias que têm como tema a Alfabetização. São elas: Processos de Alfabetização e Letramento, com 60 horas de carga horária; Ensino e Aprendizagem em Língua Materna com 60 horas. Outra disciplina obrigatória que pode embasar a prática alfabetizadora não é teórica, mas prática e se configura no componente curricular o Estágio Supervisionado II: anos iniciais, com 120 horas. Porém, cabe destacar, que esse estágio pode ocorrer não só em turmas de alfabetização, pois os anos iniciais do ensino fundamental compreendem também os 4º e 5º anos que, por sua vez, correspondem ao segundo bloco dos anos iniciais na rede distrital de educação¹. Sendo 34 as disciplinas obrigatórias do curso de

¹ No § 1º do Artigo 42 do Regimento da Rede Pública de Ensino do DF (Distrito Federal, 2019), estabelece que os anos iniciais se organizam em um único “Ciclo para as Aprendizagens” (2º ciclo) com dois

Pedagogia da UnB, apenas três versam sobre alfabetização. Se estendermos o olhar para a disciplina Educação de Jovens, Adultos e Idosos com carga horária de 60 horas, vislumbramos um enfoque em alfabetização. Há uma disciplina optativa intitulada Tópicos Especiais em Linguagem e Literatura com carga de 60 horas que tem a abordagem da fonologia e da fonética muito evidente, conforme ementa da disciplina (UnB-SIGAA, 2023).

Cabe destacar que a intenção desta apresentação do currículo do curso de Pedagogia da UnB foi apenas evidenciar em quais disciplinas a temática da alfabetização aparece, não cabendo neste espaço enunciativo a discussão das ementas, dos conteúdos ou mesmo da metodologia utilizada em cada uma delas.

AS PERCPÇÕES DAS PIBIDIANAS

Por meio de questionário (ver Anexo A), logo de início as participantes assinalaram se já haviam cursado disciplinas sobre Alfabetização no percurso da licenciatura em Pedagogia. O resultado foi o seguinte

Imagem 1 – Disciplinas sobre Alfabetização na Graduação



Fonte: Dados coletados pela autora por meio de um questionário (2024).

Sendo estudantes cujos semestres de matrícula se situam até a primeira metade do curso de graduação, não é surpresa observar que uma delas não tenha cursado uma das duas disciplinas obrigatórias organizadas dentro do eixo de alfabetização. Todavia, sendo o PIBID uma experiência de iniciação à docência e a escola-campo de aplicação uma escola de anos iniciais com a maioria das turmas dentro do bloco de alfabetização, tornar-se-ia interessante observar a experiência individual dessa estudante – caso esta pesquisa fosse ampliada – mas como a pesquisa visava investigar as articulações entre as disciplinas teóricas e a experiência do PIBID, ateuve-se às respostas do grupo.

Blocos: a) 1º Bloco – Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) (1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental), com início aos 6 (seis) anos de idade, com duração de 3 (três) anos. b) 2º Bloco – 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com duração de 2 dois anos.

O PIBID E SUBSÍDIOS PARA ATUAR NA ALFABETIZAÇÃO

Após serem perguntadas a respeito das disciplinas que versavam sobre alfabetização vistas no decorrer do curso de graduação, as participantes foram questionadas, especificamente, sobre a vivência do PIBID por meio da seguinte pergunta:

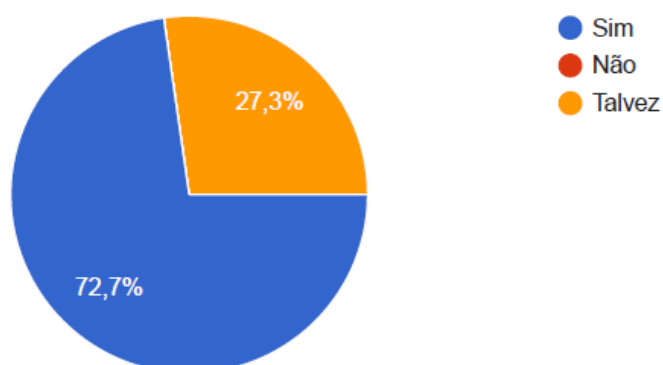
Você acredita que, por meio da vivência no PIBID, você recebeu subsídios para atuar como alfabetizador(a)? (Pergunta do questionário de número 12 elaborado pela pesquisadora, 2024)

As respostas diretas em que havia as opções sim, não e talvez retornaram o resultado ilustrado na imagem abaixo:

Imagem 2 – PIBID e Subsídios para Atuar como Alfabetizador

12. Você acredita que, por meio da vivência no PIBID, você recebeu subsídios para atuar como alfabetizador(a)?

11 respostas



Fonte: Dados coletados pela autora por meio de um questionário (2024).

Quando solicitada a justificativa da resposta, a maioria das participantes que apontaram positivamente a possibilidade de observação e vivência prática de atividades pedagógicas com relação a alfabetizar afirmam que:

É interessante destacar que as dúvidas e assinalações de talvez, se fixam na questão de insegurança para atuar como alfabetizadora:

Talvez, por mais que eu tenha compreendido algumas fases da alfabetização, ainda [as]sim, não estaria preparada para atuar como uma alfabetizadora. (Resposta da pergunta 12 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 4, 2024).

Acredito que por meio da observação seja possível ter uma noção maior do que é esse processo de fato. (Resposta da pergunta 12 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 6, 2024)

Acredito que a melhor experiência é a prática, e no PIBID eu tenho uma experiência muito mais profunda pois une toda a teoria que estudo na faculdade alinhada à prática. (Resposta da pergunta 12 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 7, 2024).

As práticas vivenciadas no PIBID foram de suma importância para agregar conhecimentos sobre a alfabetização, pois durante o PIBID nós vivenciamos as reuniões e além das nossas trocas de experiências que são extremamente ricas. Mas também existem as experiências vivenciadas durante as práticas desenvolvidas nas escolas que são muito importantes, pois durante a prática é possível aprender muitas coisas que até mesmo não temos conhecimento delas na teoria. (Resposta da pergunta 12 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 8, 2024).

Mais uma vez, destacamos, por meio das respostas dadas pelas participantes que o PIBID é um programa de iniciação à docência e o intuito da pesquisa foi balizar a vivência no programa com o que já foi estudado no curso de graduação, especificamente com os aspectos de formação do alfabetizador. Um professor em formação ou recém-formado pode se deparar com diversas inseguranças, uma vez que a responsabilidade de alfabetizar/ensinar é complexa e requer mobilização de diferentes saberes (Sacristán, 2000; Freire, 2011).

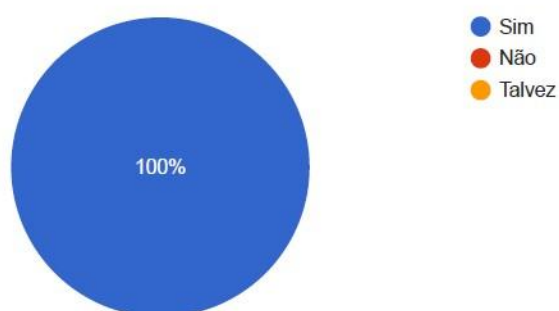
ARTICULAÇÃO PIBID E DISCIPLINAS DA GRADUAÇÃO

Indagadas sobre as articulações entre o que foi ensinado nas disciplinas cursadas e o que foi vivenciado no PIBID, as participantes foram unâimes em responder que há articulação entre as disciplinas e a vivência, conforme demonstrado pela Imagem 3.

Imagem 3 – Articulação PIBID e Disciplinas da graduação

13. Você percebeu articulação entre o que foi visto nas disciplinas do curso e o que foi observado no PIBID em relação à alfabetização?

11 respostas



Fonte: Dados coletados pela autora por meio de um questionário (2024).

Respondendo quais articulações as participantes percebiam, citaram desde os testes da psicogênese, jogos pedagógicos, até práticas de letramento com uso de livros literários.

Durante as minhas observações pude ver na prática algumas coisas que havia visto apenas na teoria, como o desenvolvimento da leitura, e letramento matemático. (Resposta da pergunta 13 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante , 2024).

O uso da psicogênese, o uso de livros que são pegos na biblioteca da escola e atividades que fomentam a escrita e a leitura. (Resposta da pergunta 13 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 4, 2024).

As etapas da alfabetização e os jogos desenvolvidos. (Resposta da pergunta 13 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 7, 2024).

Lembro que na matéria de ensino da língua materna estudamos bastante a contação de histórias, a forma como era aconselhável ser feita. as professoras pareciam seguir esse "script" que visa o melhor aproveitamento da história, a forma como o livro deve ser apresentado, a necessidade de mostrar os desenhos, o autor e ilustrador, explicar palavras das quais as crianças não conheçam o significado, incentivar a imaginação e compreensão através de perguntas. Observei também quais são as características de crianças pré- silábico, silábico e silábico alfabético. (Resposta da pergunta 13 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 10, 2024).

Na vivência do PIBID, nomeadamente, na observação direta em salas de aula, as pibidianas tiveram a possibilidade de vislumbrar a teoria sendo praticada, a práxis, e esse é um dos pressupostos imprescindíveis da formação articulada com a prática (Pimenta, 1995). Ainda que algumas respostas a perguntas posteriores levem à observação das bolsistas de que algumas das disciplinas poderiam ter mais tempo para explorar alguns aspectos, percebe-se que o que foi discutido em disciplinas na universidade está sendo vivenciado por elas na escola-campo, local de execução do PIBID:

"Uma exploração maior, com mais tempo, discutindo alfabetização, focando também em leitura e estudos atuais" (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 2, 2024)

"Sinto muito a falta de disciplina e recursos que trabalhassem mais a respeito da leitura, pois acredito que apenas as oficinas não são o suficiente para algo que é tão importante" (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 8, 2024),

CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS PARA A PRÁTICA ALFABETIZADORA

Na pergunta 15, que fecha o questionário, o questionamento busca entender quais seriam, para as participantes, os conhecimentos necessários na formação inicial do professor alfabetizador. Por isso, perguntamos:

Na sua opinião, quais conhecimentos são necessários na formação inicial do(a) professor(a) alfabetizador(a)? (Pergunta do questionário de número 15 elaborado pela pesquisadora, 2024).

As respostas dadas pelas participantes reportam que há necessidade de:

Mais prática, vivência na escola, participação em planejamentos, conselhos, reuniões, contato com os alunos e saber a teoria para um melhor embasamento (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 1, 2024).

Uma exploração maior, com mais tempo, discutindo alfabetização, focando também em leitura e estudos atuais (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 2, 2024).

Saber intencionalizar suas práticas. (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 3, 2024).

Um olhar crítico de seu futuro trabalho, no qual consegue articular a teoria com a prática dentro de contextos reais de educação. (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 6, 2024).

Penso que além de uma observação com um olhar crítico, a experiência de atuar como professor é fundamental para que ele consiga colocar suas teorias em prática; aprender a ensinar, ao mesmo tempo que está ensinando; refletir sobre suas práticas e buscar sempre melhorar; entender que por mais que sua aula esteja sendo esclarecedora para alguns, ou a maioria da turma, pode haver uma criança que não conseguiu compreender o conteúdo passado e talvez seja necessário utilizar uma abordagem diferente nesse caso. Com minha experiência durante o curso de pedagogia, posso dizer que é preciso estudar a teoria mas também precisa ter a experiência de atuar em uma sala de aula, esses dois pontos se completando. (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 10, 2024).

Cinco participantes, portanto, evidenciaram a importância da prática na formação do professor alfabetizador. Já outras três focaram na importância da formação teórica em disciplinas, conforme respostas alinhadas abaixo:

Na minha opinião, observando as matéria que passei que envolvem a alfabetização, acredito que seja necessário o futuro professor conhecer quais são os métodos de alfabetização, ter uma boa base teórica para após colocar em prática, como diz Paulo Freire e é necessário que o professor esteja disponível a aprender juntamente com o estudante como aprendemos na disciplina de EJAII (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 4, 2024).

Acredito que o sistema alfabeto, a ortografia e linguística, afinal não conseguimos passar o que não compreendemos (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 5, 2024).

É muito importante que tenhamos conhecimento e aprofundamento sobre como realmente funciona o processo de alfabetização, desde os diferentes tipos de etapa, como iniciar a alfabetização, a importância de entender o tempo da criança e não igualar com outra colega. (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 9, 2024).

Outra participante aponta certas necessidades de estudo em disciplina, evidenciando na sua resposta que já dispõe de conhecimentos sobre os processos de alfabetização, possivelmente por já estar inserida em contextos práticos como o PIBID.

O processo de alfabetização e o letramento, acredito que seja primordial para esse processo. Pois é nele na qual nós aprendemos sobre as etapas da alfabetização, e que seja uma formação com recursos que auxilie nesse processo. Sinto muito a falta de disciplina e recursos que trabalhassem mais a respeito da leitura, pois acredito que apenas as oficinas não são o suficiente para algo que é tão importante. Os jogos também são muito importantes para esse processo de alfabetização, pois fazem com que as crianças interajam de maneira mais significativa durante esse processo de alfabetização. E algo que trabalhasse a alfabetização da EJA, pois é algo extremamente importante, mas que não foi trabalhado durante a disciplina, porém deveria (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 8, 2024).

Vale destacar que há uma participante que diz não saber quais são os conhecimentos necessários à formação inicial do alfabetizador, mas entende que se deva buscar a formação, para atuar na alfabetização, em cursos de pós-graduação.

Eu não consigo dizer quais são, mas acredito que o profissional que decida atuar nessa área deve buscar um preparo mais aprofundado além da graduação. Uma especialização mais afunda preparará esse profissional para trabalhar com uma parte extremamente importante e delicada do ser humano. (Resposta da pergunta 15 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 11, 2024).

A ideia por permanecer em formação já aparece como algo inerente à formação do professor alfabetizador desde a graduação, conforme vimos na resposta da pergunta 15 dada pela Participante 11. Ao mesmo tempo que é importante saber da necessidade de formação continuada dos docentes é necessário salientar que se mantém imperioso discutir a formação inicial do pedagogo, colocando-se a seguinte questão: para que, afinal, o pedagogo é formado?

As multifacetadas da formação em nível de graduação acabam pulverizando os conhecimentos e o estudante aparentemente gradua-se com necessidade de complementação já desde o início. Isso porque estamos tendo como participantes estudantes de um curso de oito semestres mínimos de formação, mais preocupante provavelmente seria se trouxéssemos um curso de formação mais aligeirada, daqueles que foram amplamente fomentados a partir dos anos 2000 com duração de menos de dois anos e meio.

Apesar de não prescindir da formação continuada, sabendo do seu valor, este trabalho busca articular, ou ao menos sugerir, que a formação em nível de graduação com o suporte de programas de iniciação à docência pode ser um caminho para uma formação docente na área de alfabetização que forneça mais experiências situadas na escola para que os futuros

professores tenham domínio teórico-metodológico para alfabetizar os estudantes. Por isso, a resposta de uma das participantes ilustra a importância das vivências na escola, no ambiente alfabetizador, na sala de aula de alfabetização, como pessoas, com aprendizes.

Ao entrar na sala de aula e conviver com as crianças, percebi que a atuação, mesmo que iniciante, de uma professora alfabetizadora se iniciará de fato quando ela entrar em contato com aqueles que estão dispostos a aprender. É muito mais simples entender o processo de alfabetização na prática, do que imaginar apenas na teoria. Então conclui que é através do contato com os alunos que fui ganhando a confiança inicial para alfabetizar. (Resposta da pergunta 06 do questionário elaborado pela pesquisadora dada pela Participante 4, 2024).

O professor se constitui na relação com seu educando, já nos dizia Paulo Freire (2011). Na ausência de um dos polos educando-educador a relação docente não existe. A teoria é importante na formação, mas precisa estar ligada à prática, numa relação inexorável. Contudo, é válido lembrarmos que o papel do educador não é fixo, uma vez que se aprende na relação. Por esta razão, a vivência prática do que é estudado na graduação é caminho de aprendizagens do professor pedagogo em formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos depararmos com os resultados da pesquisa *Alfabetiza Brasil* (Brasil, 2023) que apresentam o *fracasso* da alfabetização no Brasil, não podemos deixar de pensar nas razões do porquê este cenário é uma realidade. Diante de várias iniciativas de formação e políticas públicas empreendidas pelos governos federais e locais, há um questionamento: por que as crianças brasileiras apresentam uma proficiência na língua abaixo do que seria considerado ideal? Apesar de sabermos que a construção desse fracasso não pode ser atribuída a um único elemento, escolhemos a formação do pedagogo para discutirmos neste artigo devido ao contexto de produção da pesquisa: o curso de Especialização em Alfabetização da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Dilatando a formação com experiências práticas vivenciadas por meio do PIBID, perceberemos que a maioria das participantes atribui importância às experiências proporcionadas por meio do Programa e as articularam com a formação teórica recebida no curso.

Apesar de perceberem que há algumas dificuldades de articulação entre o que [não] é visto teoricamente com o que acontece em sala de aula, evidenciamos, por meio da coleta dos dados junto as participantes, que a experiência de se estar próximo aos estudantes, observando os processos de alfabetização *in loco*, é uma experiência formativa que precisa estar presente na formação inicial do professor que trabalhará na alfabetização.

Concluimos, portanto, que programas de iniciação à docência podem ser aliados à formação do alfabetizador, uma vez que propiciam meios de vivência da prática alfabetizadora junto aos alfabetizando gerando reflexões teórico-práticas com as disciplinas estudadas na graduação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório da pesquisa Alfabetiza Brasil**. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/alfabetiza-brasil/inep-publica-relatorio-da-pesquisa-alfabetiza-brasil>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2006.

BRASIL. **Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <<https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2019.

BRASIL. **Portaria nº 83 de 27 de abril de 2022**. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Brasília-DF: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2022. Disponível em: <<https://in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-83-de-27-de-abril-de-2022-395720096>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

CAGLIARI, L. C. O alienígena que queria aprender a ler. **Jornal do Alfabetizador**. Porto Alegre: Kuarp/PUC-RS, ano VIII, n. 47, p. 14-16, 1996.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização**: o que fazer quando não der certo? 2021. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40141/1/01d16t06.pdf>>. Acesso em: 12 dez. de 2023.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CHOMSKY, N. **Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente**. 3 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Regimento da rede pública de ensino do Distrito Federal**. Brasília: SEEDF, 2019. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Regimento-SEEDF-COMPLETO-FINAL.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2023.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HAUPT, C. Formação docente e a fonética e fonologia: o ensino da ortografia. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 2, n. 15, p. 237-256, 2012.

KNOX, B. Introdução. In: HOMERO. **Odisseia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIBÂNEO, J. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de Pedagogia. In: GARRIDO, S. (Org.). **Pedagogia e Pedagogos**: caminhos e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 59-98.

MORAIS, A. G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORAIS, A. G. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização**. São Paulo: Autêntica, 2020.

PIMENTA, S. O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, v.--, n. 94, p. 58-73, 1995.

PIMENTA, S.; PINTO, U.; SEVERO, J. Panorama da Pedagogia no Brasil: Ciência, Curso e Profissão. **Educação em Revista (Online)**, Belo Horizonte, v. 38, n.--, p. 1-30, 2022.

SACRISTÃ, J. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEARA, I. NUNES, V.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer Fonética e Fonologia do Português Brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2020a.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020b.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Decanato de Graduação. **Subprojeto Pedagogia**.

<<https://www.deg.unb.br/programas-de-iniciacao-a-docencia-cil/199-dapli-diretoria-de-%20planejamento-e-acompanhamento-pedagogico-das-licenciaturas/cil-coordenacao-de-%20integracao-das-licenciaturas/programas/612-subprojetos-pibid-2022-2024>>. Acesso em: 05 out. 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Sistema Integrado de Gestão de Unidades Acadêmicas. **Estrutura curricular do curso de Pedagogia**. Disponível em: <

<https://sigaa.unb.br/sigaa/graduacao/curriculo/lista.jsf> >. Acesso em: 12 dez. 2023.

VICENZI, F.; VIEIRA, M. Pedagogia como ciência e curso: um olhar a partir das universidades do sul do Brasil. **Revista Brasileira de Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 15, n. 32, p. 11-24, 2023.

VYGOTSKI, L. Pensamiento y Lenguaje. In: Vygostki, L. **Obras Escogidas II**: problemas de psicología general. Trad. de J. Bravo. Madrid: Machado Libros, [1934]2014.

ZASSO, S. **A Produção de Cultura e Subjetividade no entre-lugares da Escrita das Crianças em Processo de Alfabetização**. 204 f. 2008.. Tese de Doutorado – (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

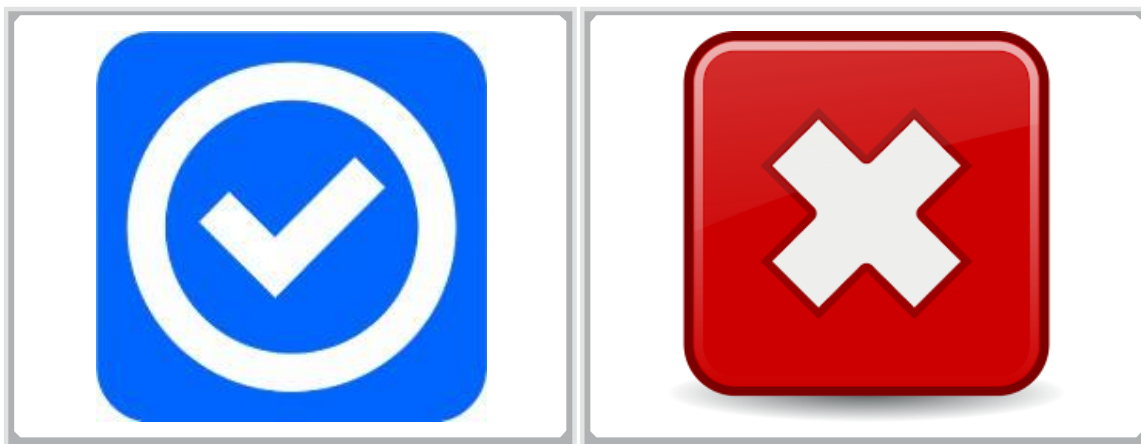
ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO

PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO INICIAL DE ALFABETIZADORES: A EXPERIÊNCIA DO PIBID

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Livre Consentimento Esclarecido: o(a) senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa que investigará **A formação inicial de professores na área de alfabetização (especificamente, aprendizagem da leitura e da escrita da língua portuguesa brasileira)**. Você poderá participar como voluntário desta pesquisa caso queira colaborar com a ciência e divulgação científica. A sua participação consiste em responder um breve questionário online contendo 15 questões a respeito da sua opinião sobre a temática. A sua participação é muito importante e voluntária, tratando de refletir a vossa opinião de acordo com a Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, a qual aponta: “pesquisa de opinião pública com participantes não identificados”. Você não terá nenhum gasto ou prejuízo e também não receberá nenhum pagamento ou benefício por participar desse estudo. As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, quando da apresentação dos resultados em publicação ou comunicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

1. Deseja continuar e colaborar com a pesquisa respondendo ao questionário? *



☐ SIM

☐ NÃO

Seção 2 de 2

Pesquisa sobre Formação Inicial de alfabetizadores - a experiência do PIBID



Descrição (opcional)

1. Qual o seu semestre na graduação? *

Texto de resposta curta

2. No seu curso de graduação, você já teve disciplinas que versaram sobre Alfabetização? *

☐ Sim

☐ Não

3. Assinale qual (quais) das disciplinas abaixo você já cursou: *

- ☐ PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
- ☐ ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA
- ☐ ESTÁGIO SUPERVISIONADO II: ANOS INICIAIS
- ☐ EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS
- ☐ Nenhuma das anteriores

4. Se você cursou **Processos de alfabetização e letramento**, Você acredita que essa disciplina *
lhe permite atuar como alfabetizador(a), pelo menos inicialmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

5. Se você cursou **Ensino e Aprendizagem em Língua Materna**, você acredita que essa disciplina lhe
permite atuar como alfabetizador(a), pelo menos inicialmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

Justifique sua escolha da questão anterior

Texto de resposta longa

6. Se você cursou **Estágio Supervisionado II: anos iniciais** você acredita que essa disciplina lhe permite atuar como alfabetizador(a), pelo menos inicialmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

Justifique sua escolha da questão anterior

Texto de resposta longa

7. Se você cursou **Educação de Jovens, Adultos e Idosos**, você acredita que essa disciplina lhe permite atuar como alfabetizador(a), pelo menos inicialmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

Justifique sua escolha da questão anterior

Texto de resposta longa

8. Se você cursou outra disciplina que teve como temática a alfabetização, escreva aqui o nome dela:

Texto de resposta curta

9. Se você cursou **outra disciplina com a temática da alfabetização**, você acredita que essa disciplina lhe permite atuar como alfabetizador(a), pelo menos inicialmente?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

Justifique sua escolha da questão anterior

Texto de resposta longa

10. No âmbito do PIBID, você observou práticas de alfabetização? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez, não tenho certeza

11. Se você respondeu sim à pergunta anterior, que tipos de prática você experienciou? Dê exemplos.

Texto de resposta longa

12. Você acredita que, por meio da vivência no PIBID, você recebeu subsídios para atuar como *
alfabetizador(a)?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Justifique sua escolha da questão anterior *

Texto de resposta longa

13. Você percebeu articulação entre o que foi visto nas disciplinas do curso e o que foi *
observado no PIBID em relação à alfabetização?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

14. Se você respondeu sim à pergunta anterior, quais articulações você percebeu? Dê exemplos.

Texto de resposta longa

15. Na sua opinião, quais conhecimentos são necessários na formação inicial do(a) *
professor(a) alfabetizador(a)?

Texto de resposta longa

SOBRE A AUTORA

GLEICE ALINE MIRANDA DA PAIXÃO

Doutora em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

E-mail: gampaixao@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-0738-1841>

SOBRE ESTE ARTIGO

HISTÓRICO

Recebido em: 14/10/2024 | Aprovado em: 28/02/2025 | Publicado em: 11/04/2025

LICENCIAMENTO

Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).

COMO CITAR

PAIXÃO, G. A. M. da. A formação inicial de alfabetizadores: percepções de um grupo de bolsistas do PIBID. **Revista Formação**, v. 2, e012. <https://doi.org/10.71098/revfor.upe.e012>

EDITOR RESPONSÁVEL

Jonathas de Paula Chaguri (UPE)

E-mail: jonathas.chaguri@upe.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7525-9653>